

Francisco de Frias da Mesquita

Engenheiro-mor do Brasil

Augusto C. da Silva Telles



Francisco de Frias da Mesquita, engenheiro-mor do Brasil, teve como primeiro biógrafo Sousa Viterbo, em sua obra, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitetos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou a serviço de Portugal*, cuja primeira edição é de Lisboa, 1899. Viterbo informa que Frias nasceu por volta de 1578, e indaga se ele teria pertencido à família dos Frias, tendo sido parente de Nicolau de Frias. Diz mais: “Ele em 1598 foi nomeado para uma vaga dos três lugares de aprender arquitetura. Era, como se diria hoje, um pensionista do Estado. A Arquitetura, era obrigado a aprendê-la com Nicolau de Frias, e a Geometria com o cosmógrafo-mor João Baptista Lavanha, e tinha de ordenado ou pensão, 20\$000 reis anuais.”¹ Por provisão régia de 24 de junho de 1603, Francisco de Frias foi mandado ao Brasil, “a couzas do meu serviço sobre fortificações das fortalezas das ditas partes”. Durante esse período de 1603 até 1635, em que ele esteve no Brasil, recebeu de ordenado anual 400 cruzados e participou intensamente na defesa do território, projetando, construindo e atendendo às fortificações implantadas ao longo de todo o litoral brasileiro.

A par de toda essa atividade de projetista e de construtor de fortificações militares, Francisco de Frias participou ativamente da Campanha da Reconquista do Maranhão e de projetos para igrejas, conventos e outras

edificações civis. Toda essa atuação foi levantada por D. Clemente Maria da Silva Nigra, no artigo “Francisco Frias da Mesquita, Engenheiro-mor do Brasil”, com a transcrição de grande número de documentos.² A seguir detalharemos essas atividades de Frias da Mesquita.

Castelo do Mar – Forte da Laje Recife – PE

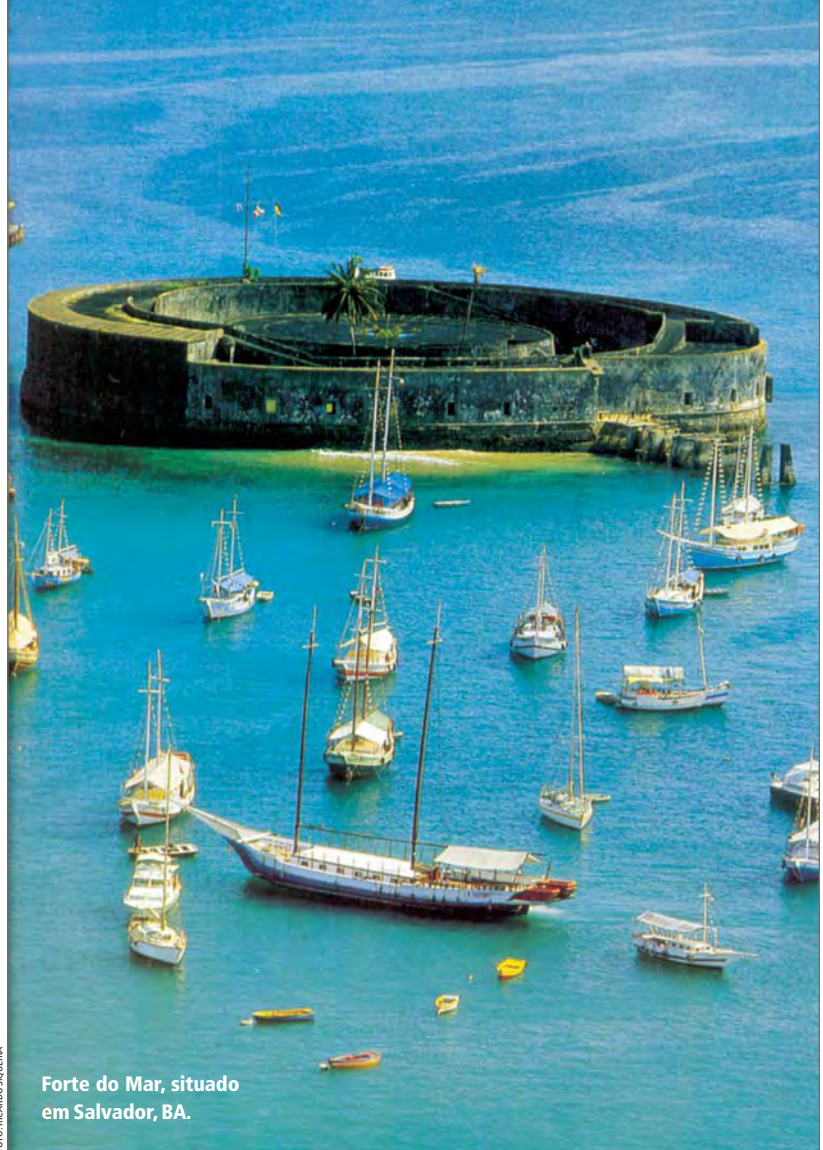
Em 1608, Frias da Mesquita estava dirigindo a construção do Forte da Laje, implantado sobre os arrecifes, à frente da foz do Rio Capiberibe, conforme nos informa o *Livro que dá razão do Estado do Brasil*.³ Esse forte, também denominado Fortaleza do Recife, Castelo do Mar, Forte de São Francisco ou Forte do Picão, resultante de iniciativa “dos moradores e do senhor da terra, está em toda a perfeição”, obedecendo à “traça de Tiburcio

Spannochí” e à “obra do Engenheiro Francisco de Frias”, segundo aquele mesmo. Essa mesma autoria é referida por Varnhagen, em sua *História Geral do Brasil*;⁴ por D. Diogo de Menezes, em carta ao rei de 8 de fevereiro de 1609;⁵ e pelo próprio Frias, no documento “Exposição de Olinda de 1618”, publicado no *Livro Primeiro do Governo do Brasil*.⁶ Esse forte não existe mais, foi demolido nos primeiros anos do século XX, e seu material, usado para a construção do quebra-mar do porto do Recife. Quanto à sua forma, permanece certa dúvida, porquanto Gaspar Barleus, em sua *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, cuja primeira edição, de Amsterdã, é de 1647,⁷ o denomina Castelo do Mar e diz que ele era de “forma redonda, formidável por sete peças de bronze, destinadas à defesa do porto, da barra e do litoral”, mas, no livro citado em (3), prancha XVII, ele aparece com forma arredondada, com arestas salientes, em cinco ou seis pontos; em uma planta de 1808, do Arquivo do Ministério do Exército, seu contorno aparece como o de um polígono de nove lados.⁸

Forte do Mar – Salvador – BA

Assumindo o governo em 1608, D. Diogo de Menezes percebeu a fragilidade da defesa de Salvador e de seu porto, decidindo logo, a construção de um forte sobre uma laje existente à flor da água e à frente do litoral onde se localiza o porto. Um primeiro projeto foi feito por Tiburcio Spannochí, mas ele estava em desacordo com as dimensões da laje onde o forte deveria assentar-se.

Foi então solicitado ao arquiteto Frias de Mesquita um novo projeto, o qual definiu um contorno cir-



Forte do Mar, situado em Salvador, BA.

FOTO: RICARDO SQUEIRA

cular para o Forte do Mar, também denominado Forte de São Marcelo ou Forte de Nossa Senhora del Pópulo. Frei Vicente do Salvador, em sua *História do Brasil*⁹, conta, estarecido, a oposição criada pelo bispo à construção do forte, com o argumento de que o custo dessa obra iria atrasar a construção da igreja catedral. O forte estava ainda em obras, quando ocorreu a invasão de Salvador pelos holandeses. Por essa razão, foi ele rapidamente vencido e ocupado, e os invasores assentaram canhões em seu terrapleno, bombardeando o porto e a cidade.

Forte de São Diogo – Salvador – BA

O projeto de um novo elemento de defesa, o Forte de São Diogo, na cidade baixa, na mesma Salvador, ao pé da Santa Casa de Misericórdia, teria feito parte das

proposta elaborada por Tiburcio Spannochi. Sua construção ocorreu entre os anos de 1609 e 1612, e foi coordenada por Francisco Frias da Mesquita, informa-nos Silva Nigra.¹⁰

Forte dos Reis Magos – Natal – RN

O Forte dos Reis Magos é uma das mais interessantes e belas edificações militares construídas no litoral do Rio Grande do Norte, no local onde havia um outro forte de construção precária, “somente de taypa, estacada e de areia solta”. Esse primeiro forte foi projetado

pelo padre jesuíta, arquiteto Gaspar Samperes, informou-nos Frei Vicente do Salvador.¹¹ Anos depois, em data anterior a 1614, estando ele muito deteriorado, o Governador D. Diogo de Menezes contratou novo projeto a Francisco Frias da Mesquita, cuja edificação ainda se conserva no local, próximo da cidade de Natal. Esse projeto vem acompanhado de um relatório do próprio punho de Frias, e de plantas da casa de pólvora que é apoiada no topo de quatro arcos assentes ao meio do terraplino da fortificação, o qual é contornado pelas muralhas que definem um polígono irregular, tendo três baluartes em uma das extremidades, e dois na outra, estes, localizados de cada lado da entrada principal da fortificação.¹²

Forte dos Reis Magos, situado em Natal, RN.



Jornada do Maranhão

Frias da Mesquita se apresentou como voluntário para incorporar-se ao grupo formado por Jerônimo de Albuquerque e por Diogo de Campos Moreno, para lutar pela reconquista do Maranhão, que se encontrava ocupado pelos franceses. Em 1614, Frias terminara o projeto do Forte dos Reis Magos, assim como a construção do Forte da Laje, e passou a participar e atuar na expedição denominada “Jornada do Maranhão”.¹³

Para facilitar o ataque aos franceses e proteger os combatentes, Frias da Mesquita organizou um fortim (Forte de Guaxenduba, ou Santa Maria), face ao povoado criado pelos franceses de São Luís. Os participantes da Jornada atuaram nesse fortim até conseguirem vencer e expulsar os invasores do Brasil. Para melhor conhecer as lutas e a atuação de Frias nessa etapa da conquista do Maranhão, podem ser consultados: Frei Vicente do Salvador¹⁴ e Sousa Viterbo,¹⁵ assim como o “Relatório de Alexandre de Moura sobre a expedição à Ilha do Maranhão”.¹⁶ Conquistada a ilha do Maranhão, onde



FOTOS: INSTITUTO MOREIRA SALLES

Bairro da Praia Grande, São Luís, MA.



FOTO: INSTITUTO MODERNA SALES

os franceses haviam fundado o núcleo fortificado de São Luís, foi ele ampliado, segundo plano elaborado por Frias da Mesquita. Os seus logradouros formam retículas, podendo sua feição no século XVII ser conhecida pela planta reproduzida por Barleus.¹⁷ Dessa planta há uma ótima reprodução em Paulo F. Santos, *Formação de cidades no Brasil Colonial*.¹⁸ A feição da organização dos logradouros nesse plano inicial de São Luís ainda é sensível hoje, na disposição da trama urbana do bairro da Praia Grande.

Fortes de São Felipe, São Francisco e São José – São Luís – MA

Dois documentos do século XVII, publicados nos Anais da Biblioteca Nacional e nos Anais do Museu Paulista,¹⁹ referem-se ao fato de os fortes de São Felipe, São Francisco e São José, na ilha do Maranhão, nas proximidades de São Luís, terem tido suas traças da autoria de Frias da Mesquita. Dizem mais quanto às obras: “se deve hir procedendo (...) fazendo todas as mais que puder ser de pedra e cal pois há comodidade de achegas.”²⁰ Desses fortes restam trechos de ruínas ao longo do litoral da

ilha do Maranhão, a poente da cidade de São Luís, entre ela e a baía de São José.

Forte de São Mateus Cabo Frio – RJ

Cabo Frio foi um sítio que despertou especial cobiça dos holandeses, ingleses, mas, principalmente dos franceses, desde os primeiros anos da colonização, devido à sua configuração geográfica e às qualidades de seu litoral, onde uma enseada de águas profundas facilitava os contatos com as embarcações.

Assim, a proposta de ser feita uma fortificação nesse sítio se impôs, para acabar com a permanência dos negociantes e piratas de outras nacionalidades que aí furtavam, principalmente, pau-brasil. Para essa finalidade, em 1615, o governador do Rio de Janeiro, inicialmente, fundou a cidade de Cabo Frio à margem da entrada da Lagoa de Araruama. Depois, foi a vez de ser ampliado e atualizado um fortim aí existente, com a construção de um definitivo. O projeto desse Forte de São Mateus é atribuído, com toda a segurança, a Frias da Mesquita. As obras se iniciaram em 1617, mesma data de sua intervenção no risco inicial da Igreja do Mosteiro de São Bento, o que iremos analisar a seguir.²¹

Forte de Santa Catarina Cabedelo – PB

No documento denominado “Exposição de Olinda de 1618”,²² já citado, o próprio Frias da Mesquita se refere à sua atuação com vistas à construção de uma fortificação em Cabedelo, à margem direita, próximo à foz do Rio Paraíba, onde havia uma fortificação antiga, de 1582, precária, “de taipa, esteios e areia solta”, anterior à funda-

ção da Vila da Paraíba. Em 23 de novembro do mesmo ano de 1618, o Governador-Geral D. Luís de Sousa, acompanhado de vários auxiliares e de Frias da Mesquita, foi ao local onde deveria ser construído o Forte de Santa Catarina, para definir o ponto exato de sua implantação. Esse documento foi publicado também no *Livro Primeiro do Governo do Brasil*.²³ Essa nova fortaleza, em 1634, foi ocupada pelos holandeses, que a rebatizaram de “Margarida”. Com a restauração do domínio português, voltou ela a ser de Santa Catarina.²⁴

Igreja do Mosteiro de São Bento Rio de Janeiro – RJ

A primeira vez que o principal biógrafo de Frias conheceu esse nome em um documento antigo ocorreu ao ler as *Declarações de obras* de Frei Bernardo de São Bento, e lá encontrou o seguinte: “Conforme achei na traça antiga do Frias, como se vê de hum papel antigo que foi por onde se principiou este mostr*”.²⁵ A partir desse texto Silva Nigra principiou a pesquisa da vida e da obra desse Engenheiro do Brasil seiscentista, organizando sua biografia. O início das obras de São Bento se deu em 1617, mesma data em que os monges solicitaram da Câmara Municipal autorização para dispor da pedreira existente no atual Morro da Viúva. Tal data coincide com a vinda de Frias para atuar no Espírito Santo e em Cabo Frio,²⁶ portanto, em áreas mais próximas do Rio de Janeiro.

Seminário – Salvador – BA

Pesquisando mais no importante e documental *Livro Primeiro do Governo do Brasil*, encontramos o seguinte texto: “Auto q mandou fazer o gor. E capitão geral deste estado dom luis de sousa sobre o seminario desta cide do salvor.” Junto com o texto são reproduzidas as plantas do térreo, do sobrado e da fachada. D. Clemente Nigra, examinando esse documento e as plantas, afirmou que tanto a caligrafia do texto como a das legendas das plantas eram nitidamente de Frias da Mesquita. Assim, en-

tendeu e propôs que o projeto desse seminário da Bahia, de 1721, foi também da autoria de Frias da Mesquita.²⁷

Atividades de Frias após 1625

Depois de a Bahia se ter libertado dos holandeses, Frias coordenou a restauração e a ampliação das unidades de defesa da cidade e, como as obras fossem muito numerosas e urgentes, foi nomeado, em setembro de 1627, um auxiliar, o Engenheiro Marcos Ferreira, que ficou encarregado das obras em Pernambuco. O documento extenso,



de 1627, do próprio punho de Frias da Mesquita, “Memorial do Estado do Brasil pa. S. Mgde”, relata os danos causados pela invasão e ocupação holandesa e propõe medidas para resolver o problema da reconstrução de edifícios, notadamente dos relativos à defesa da cidade.²⁸ Em 1629, ele foi encarregado de projetar novo quartel para as tropas que estavam arranchadas em casas particulares. Para isso, houve necessidade de serem desapropriadas algumas edificações que se encontravam na direção do local onde iria ser edificado o quartel.²⁹

Em relatório referente às atividades no ano de 1633, consta a informação de que Frias, nesse mesmo ano, deu parecer sobre um terreno na ladeira da Conceição da Praia, em Salvador.³⁰ Não há, porém, certeza de quando Frias teria retornado a Portugal. Dessa última época da perma-

nência de Frias da Mesquita no Brasil, existem duas informações sobre sua atuação que não se contradizem, mas, ao contrário, até certo ponto definem o período em que teria ocorrido sua viagem de volta a Portugal. Por um lado, Pedro Calmon³¹ relatou sua substituição, em 1635, no cargo de engenheiro-mor do Estado, o que coincide com a data do término da previsão para seu salário, em uma tabela reproduzida em Doc. 3: “Registro de pagamento a Francisco de Frias”.³² Por outro lado, Sousa Viterbo

informou que, em 1645, Frias já se encontrava em Portugal, quando teria elaborado parecer acerca da Fortaleza de Outão. Essa informação baseia-se em texto do governador da fortaleza, que termina dizendo que a planta elaborada pelo “engenheiro Francisco de Frias, (...) homem velho e de experiencia, e me parece pessoa de gram talento, o que delle posso affirmar he a grande aplicação e cuidado que tem, não só no tocante a seu officio, mas achandosse presente a todos, e me parece pessoa de grande préstimo”.³³

Notas

- ¹ VITERBO, Sousa. *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitetos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou a serviço de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1899. Nova edição: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1988. v. 1, p. 376-80
- ² SILVA NIGRA OSB, D. Clemente Maria da. “Francisco Frias da Mesquita, Engenheiro-mor do Brasil”, *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. v. 9, 1945, p. 9-84.
- ³ MORENO, Diogo de Campos. *Livro que dá razão do Estado do Brasil 1612*. Recife, Arquivo Público Estadual, 1955 (para os textos). Rio, Instituto Nacional do Livro, 1968 (para os mapas). O Forte da Laje está como texto às páginas 97 e 98 do primeiro, e sua planta à página 65 do segundo.
- ⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. S. Paulo, Edições Melhoramentos, 1948.
- ⁵ *Anais da Biblioteca Nacional*, v. LVII – Rio, 1935 – p. 42-3 e o segundo referido, ver Doc. 5 do livro citado em 2, – p. 38-9.
- ⁶ *Livro Primeiro do Governo do Brasil 1607 – 1633* – Rio, Ministério das Relações Exteriores, 1958, p. 259-62.
- ⁷ BARLEUS, Gaspar – *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil* – Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife – 1980 p. 142.
- ⁸ Citado em 2, fig. 1.
- ⁹ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil, 1500 – 1627*. S. Paulo, Melhoramentos, 1954, p. 390-1.
- ¹⁰ Citado em 2, p. 13.
- ¹¹ Citado em 9, p. 291-4.
- ¹² O projeto de Frias e o texto do relatório estão publicados no livro citado em 6.
- ¹³ Para maior conhecimento da França Antártica e das lutas de reconquista, ver Holanda, Sergio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo I, v. 1, S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960 e *Jornada do Maranhão por ordem de sua majestade feita o ano 1614*, Rio, Edit. Alhambra, 1984 (onde o texto da “Jornada” está completo).
- ¹⁴ Citado em 9, p. 363-4.
- ¹⁵ Citado em 1.
- ¹⁶ O relatório foi publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional*, v. XXVI, Rio, 1904.
- ¹⁷ Citado em 7, p. 85.
- ¹⁸ Em SANTOS, Paulo. *Formação de Cidades no Brasil Colonial*, Rio, Editora UFRJ, 2001.
- ¹⁹ Citado em 16, p. 229-34.
- ²⁰ *Anais do Museu Paulista III*, 2ª parte, p. 96.
- ²¹ Citado em 2, p. 21-2.
- ²² Citado em 2, Doc. 11, p. 42-3, e em 6, p. 254-5.
- ²³ Citado em 2, Doc. 7, p. 40-2 e em 6, p. 259-62.
- ²⁴ SAINT-ADOLPHE J. C. R. Milliet de. *Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brazil*. Paris, Aillaud, 1845 – v. Cabedello, 179.
- ²⁵ Citado em 2, p. 25-6.
- ²⁶ Citado em 2, p. 26.
- ²⁷ Citado em 6, p. 311 e fig. 127/129.
- ²⁸ Citado em 2, Doc. 14, p. 50-1.
- ²⁹ *Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento* – Salvador – 1945 – p. 355, e citado em 2, p. 30-1.
- ³⁰ Citado em 2, doc. 15, p. 62 /63 e VILHENA, Luis dos Santos. *Recopilação de noticias soteropolitanas e brasílicas*. Bahia, Imprensa Oficial Estado, 1921, p. 276-7.
- ³¹ Calmon, Pedro, *História do Brasil*. Rio, José Olympio.
- ³² Citado em 2, Doc, 3 p. 34-35.
- ³³ Citado em 1, p. 380 do v. 1 e em 2, p. 32.

Augusto Carlos da Silva Telles – Arquiteto graduado em 1948 pela UFRJ, livre docente e doutor em Arquitetura (UFRJ), é natural da Cidade do Rio de Janeiro, residindo atualmente em Pati de Alfereis. É membro fundador do ICOMOS e foi o primeiro Presidente do Comitê (1988-1989). Foi membro do Conselho Consultivo do IPHAN e é Presidente do Conselho Estadual de Tombamento, atuando também como Conselheiro do IPAC.